

A TRADUÇÃO PORTUGUESA DE 1531 DO *SOMNIUM SCIPIONIS* DE CÍCERO

Flávio Antônio Fernandes REIS¹

RÉSUMÉ: Cet étude a pour but de contribuer à la connaissance de la tradition latine au Portugal du XVI^e siècle, révélée dans la traduction du « *Somnium Scipionis* » de Cicerón, faite par Duarte de Resende vers 1531. Ayant la traduction de Duarte de Resende au centre des considérations, on étudie les traductions des oeuvres de l'Antiquité latine faites au Portugal au XV^e et XVI^e siècle. On veut mettre en évidence la vigueur de la traduction et ses notions inhérentes. Après, on analyse la traduction de Duarte de Resende. Finalement, on réalise l'interprétation de la traduction de Resende dans ses aspects spécifiques, selon les références les plus significatifs.

Em 1531, Duarte de Resende publicou as suas traduções do *Tratado da amizade, Paradoxas* e o *Sonho de Cipião* de Cícero² nas imediações de Coimbra, sob os cuidados do impressor Germão de Galharde. Tais são os dados mais completos sobre este tradutor português. Acrescente-se a isto a menção feita a ele por João de Barros na dedicatória da *Ropica Pnefma*,³ assim como algumas cantigas presentes no *Cancioneiro Geral*⁴ de Garcia de Resende. Dos três textos traduzidos por Duarte de Resende e mencionados acima, optamos por trabalhar o *Sonho de Cipião*, tendo em vista sua fortuna na tradição Ocidental e o gênero no qual se inscreve: um tratado filosófico de Cícero sobre vida após a morte.

O *Sonho de Cipião* é a última parte da *Republica* de Cícero, a qual, por sua vez, é uma apropriação da *Politeia* de Platão. Escrito no século I a.C., o texto ciceroniano teve como principal veículo de transmissão nas letras ocidentais um comentário do século V feito pelo filósofo latino Macróbio. Por este motivo, o *Sonho* teve um destino diferente da *Republica*, sendo lido e estudado pelos séculos posteriores a Macróbio, ao passo que o restante da obra ficou desaparecido até o século XIX. A professora Roberta Caldini Montanari, no seu livro *Tradizione medievale ed edizione critica del "Somnium*

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)/ Universidade de São Paulo (USP). Bolsista Fapesp. E-mail: baroque100@hotmail.com.

² Marco Túlio cicerom de Amicicia/ paradoxas & sonho de Scipião. Tira/do em lingoage portuguesa per Duar/te de Resede caualeyro fidalguo da/ cassa del rey nosso senhor. O colofon indica que se terminou de imprimir em 30 de agosto de 1531, em Coimbra. Esta edição é muito rara, temos notícia de um exemplar na Biblioteca do palácio Ducal de Vila Viçosa e outro na Biblioteca da Bavária, em Munique, Alemanha, da qual nos valemos.

³ Cf. *Ropica Pnefma* de João de Barros, edição de I. S. Révah, 1983, vol. II, pp. 3-6.

⁴ A menção de João de Barros nos interessa como indício das relações de Duarte de Resende com os letrados portugueses mais expressivos do tempo. As cantigas do *Cancioneiro Geral*, em castelhano, demonstram a erudição de Duarte de Resende nos saberes de mitologia (Cf. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, fol. CXCIX r. e v.).

Scipionis”, realizou uma exaustiva *recensio* dos testemunhos medievais do *Somnium*, precisando as principais vias de transmissão deste texto, inclusive sua tradição macrobiana. Um percurso pelos catálogos de impressos dos séculos XV e XVI de bibliotecas como a Nacional portuguesa demonstra a presença deste texto de Cícero, na maioria das vezes, reunido em compilações e em *florilegia*. Mais ainda, não é raro encontrar o *Somnium* acompanhado do *Commentum Somnium Scipionis* de Macrônio, confirmando o vigor desta via de transmissão. Contudo, importa-nos destacar que no Portugal quinhentista este texto recebeu uma versão “em lingoagem”, termo pelo qual se denominavam as traduções portuguesas nos séculos XV e XVI.

O *Sonho de Cipião*, traduzido por Duarte de Resende, apareceu no formato tradicional das publicações do tempo: impresso em caracteres góticos redondos, a compilação incluía inicialmente o *Sonho de Cipião*, o *Tratado da amizade*, as *Paradoxas dos estóicos*, o *Livro dos Ofícios* e o *Tratado da velhice*. Porém, deste conjunto de tratados de Cícero, só chegaram a ser publicados em 1531 os três primeiros. Duarte de Resende justifica na carta prefácio a ausência dos dois últimos, alegando terem sido feitas edições castelhanas recentes dos mesmos.

Esta carta prefácio inclui, além da dedicatória a Garcia de Resende, alguns comentários do tradutor sobre a língua vernácula e a obra de Cícero. Dentre elas, destacamos: a valorização da língua portuguesa como suporte para a divulgação dos saberes da Antigüidade, e a consideração das traduções para a formação prática, adquirida pela leitura dos tratados de filosofia moral de Cícero.

Estas considerações de Resende se aproximam, em alguma medida, dos motivos que impulsionavam a prática de traduções do latim para o vernáculo nos mosteiros medievais portugueses. Anterior ao século XVI, o trabalho de leitura e tradução de textos estava sob o cuidado de religiosos que traduziam trechos necessários aos seus usos particulares. Obras medievais como o *Bosco Deleytoso* ou o *Horto dos Esposos* possuem trechos de vários autores da Antigüidade, deslocados e adaptados à obra em romance. Já no século XV, na corte de Avis, encontramos uma vigorosa atividade intelectual e grande manipulação dos autores latinos da Antigüidade, sobretudo Cícero e Sêneca. A prática da tradução e leitura dos textos da Antigüidade não é exclusividade dos religiosos e as preocupações ampliam-se, havendo uma valorização da língua vernácula como suporte para os ensinamentos provenientes das fontes latinas. O entusiasmo dos príncipes de Avis pela leitura e tradução de obras latinas está testemunhado pelas obras que nos deixaram: o *Livro dos Ofícios* de Cícero, o *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, ambos atribuídos à autoria do infante D. Pedro de Coimbra. O *leal Conselheiro* de D. Duarte, que além de compilar uma série de autores latinos, tanto cristãos como pagãos, dedica o 99º capítulo à instrução de como se devem “tornar” do latim em linguagem. Os textos de Vasco Fernandes de Lucena, letrado da corte de Avis, que traduziu diversas obras do latim, destacando-se o *Panegírico de Trajano*, de Plínio e o *Tratado da Velhice* de Cícero, hoje desaparecidas, das quais nos chegaram informações através de prólogos e cartas. D. Pedro nos informa ainda, em uma carta transcrita no *Leal Conselheiro*, sobre uma tradução do *Tratado da Amizade*, realizada

pelo frade João da Verba, prior do convento de São Jorge.⁵ Ao que tudo indica, Duarte de Resende não teve acesso ou conhecimento das traduções do infante D. Pedro e de Vasco de Lucena, mas o que nos importa é ressaltar o vigor de uma prática letrada na corte portuguesa há pelo menos um século antes das traduções resendianas.

A língua vernácula se depara com a língua latina, sendo utilizada como suporte para obras de grande autoridade e tradição como os tratados de Cícero. Diferentemente da prática dos mosteiros, nos séculos XV e XVI, traduzem-se obras inteiras dos autores antigos e busca-se uma expressão em romance mais adequada àquelas obras. Joseph Piel, em sua edição ao *Livro dos Ofícios*, menciona as perplexidades que a língua vernácula encontra em seu confronto com a latina. Na leitura dos prólogos e cartas quatrocentistas, verificamos que os próprios tradutores mencionam os obstáculos de sua prática. D. Pedro, por exemplo, na dedicatória a D. Duarte de sua tradução do *Livro dos Ofícios*, fala da existência de “lugares scuros” do texto, ou melhor, “partes escritas para quem já as sabia”.⁶ Vasco Fernandes de Lucena, num trecho de sua carta ao infante, parece mencionar dificuldades semelhantes ao se referir a “falecimentos” do texto, resistentes às “sentenças desvayradas dos invejosos”⁷, ou melhor, dos interpretadores ou tradutores. Dessa forma, D. Pedro nos remete aos problemas de interpretação, provenientes da ignorância de aspectos históricos ou pressupostos do texto latino. Já Lucena nos remete à própria situação material do documento da lição, bem como aos problemas de interpretação. Em todo caso, os dois tradutores realizaram suas obras em meio a objeções e dificuldades, confirmando a declaração de Jorge Alves Osório sobre o confronto entre o latim e a língua romance:

Toda a dedicatória de D. Pedro, assim como o cap. 99 do *Leal Conselheiro* partem do princípio, até pela importância que concedem ao conhecimento da “sentença” por parte do tradutor, de que a mensagem ou conteúdo doutrinário veiculado pelo texto possuíam um valor – uma evidência – suficientemente credível e válida para superar as diferenças lingüísticas e até os aspectos menos eloqüentes da prosa vulgar obtida pela tradução em si.⁸

Nos comentários encontrados em cartas e prólogos do infante D. Pedro e Vasco de Lucena a respeito de traduções das obras da Antigüidade, destacam-se os seguintes argumentos: o gosto do monarca pela leitura das sentenças dos antigos em linguagem e

⁵ Cf. Joseph Piel. Introdução à edição do *Livro dos Ofícios*, edição de 1948, pp. XVII e XVIII. O frade João Verba também é o finalizador do *Livro da virtuosa Benfeitoria*, a pedido do próprio infante, como está informado, pelo próprio D. Pedro, na dedicatória desta obra a D. Duarte.

⁶ Cf. D. Pedro. Dedicatória in *Livro dos Ofícios*, op. cit., p. 4. Este tipo de consideração aparece em todos os prólogos das traduções quatrocentistas, confirmando as dificuldades do tradutor frente à língua latina. Já na carta-prefácio de Duarte de Resende, não encontramos este tipo de reclamação, figurando-nos uma alteração dos recursos da língua vulgar para com a latina, em tempos de aprofundamentos realizados pelos humanistas quinhentistas no estudo e na leitura da sobras da Antigüidade.

⁷ Resposta do D.or a esta carta in Apêndices. *Livro dos Ofícios*, op. cit., p. XLIII.

⁸ Osório, J.A. Cícero traduzido para o português no século XVI: Damião de Góis e o Livro da Velhice, 1984, p. 224.

a ampliação dos beneficiados com estas traduções, visto ser a língua romance mais comum no reino. Nos dois casos, evidenciam-se o aspecto moral e a perspectiva atualizante da tradução. Joseph Piel, na introdução à sua edição do *Livro dos Ofícios*, sobretudo pela análise lexical realizada, demonstrou a perspectiva atualizante do texto ciceroniano passado para o vernáculo. Entre outras considerações, Piel demonstrou o enquadramento do texto ciceroniano num horizonte de matiz cavaleiresco, obtendo significados bem diversos dos encontrados na obra de saída.⁹ Mais ainda, há momentos nos quais se percebe ausência completa de referências históricas e eruditas. Noutros, a atualização de sentido nas traduções revela certa liberdade de versão que tem como objetivo maior levar a obra aos leitores quatrocentistas sem a necessidade de notas explicativas ou glosas.

No século XVI, alteram-se as perspectivas para com as obras da Antigüidade mediante a atividade dos humanistas e dos conhecimentos mais rigorosos sobre a língua latina e seus autores. Duarte de Resende, na dedicatória de suas traduções, refere-se a Cícero como detentor de um “copioso e elegante latim” que trata de “graves e excelentes matérias”. Os tratados de Cícero, levadas em conta estas declarações, podem ser considerados como modelos práticos de eloqüência de um notório orador e também como doutrina moral e “sábias sentenças” para a vida do homem virtuoso. O estudo detido da tradução do *Sonho de Cipião* e a interpretação, segundo algumas questões em debate no século XVI como a “questão da língua”, o Erasmismo e o Ciceronianismo, contribui para o esclarecimento de alguns aspectos como: 1) A inteligibilidade portuguesa quinhentista de Cícero, apreendida na tradução do *Sonho de Cipião* de Duarte de Resende. Para isso, valemo-nos das interpretações quinhentistas dadas ao *Sonho de Cipião* como *In Somnium Scipionis* de Juan Luis Vives e o *Convivium Religiosum* de Erasmo de Roterdã. 2) As estratégias do tradutor na elaboração de sua obra em língua vernácula. A análise aponta para as resoluções formais de Duarte de Resende, com vistas a uma prosa filosófica fluente e elegante em vernáculo, segundo o modelo ciceroniano. Este último ponto, por exemplo, sintoniza-se ainda com as discussões quinhentistas sobre o vernáculo, explicitadas em obras como *Prose delle lingua volgare* de Bembo, *Dialogo della Lengua* Luis de Valdés, ou mesmo o *Diálogo em louvor de nossa linguagem* de João de Barros.

Em 1539, João de Barros publicou a *Gramática da Língua Portuguesa*, juntamente com o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, integrando com este último as discussões quinhentistas acerca das semelhanças e diferenças entre o vernáculo e as línguas antigas.¹⁰ O *Diálogo* de João de Barros explícita as qualidades da língua romance portuguesa por meio de uma conversação edificante entre pai e filho, com evidentes fins pedagógicos. Esta obra, além de apresentar a discussão sobre o vernáculo, ilustra a erudição de João de Barros acerca das obras da Antigüidade greco-latina. Neste sentido, as relações de interlocução e amizade entre Barros e Duarte de Resende se tornam mais significativas. O tradutor deixa indícios de sua participação na discussão referida acima no que escreve sobre a língua vernácula e os textos de Cícero:

⁹ Cf. Idem, *ibidem*.

¹⁰ Cf. Maria Leonor Carvalhão Buescu. *Gramáticos portugueses no século XVI*, p. 15.

O que sinto e vejo ser mal considerado, assim por me falecer ciência para entender suas prudentes sentenças, copioso e elegante latim; como cópia de palavras portuguesas, claras e polidas, para declarar as que cuido que entendo: que bem creio que nenhuma das línguas de Espanha (e se disser de toda a Europa não em arrependerei) tem a vantagem da Portuguesa, para em ela se tratar de graves e excelentes matérias, como são as deste Autor.¹¹

A obra de Cícero é considerada, portanto, como modelo retórico e como fonte de sabedoria da Antigüidade. O primeiro aspecto é confirmado pelos juízos sobre a eloqüência, ou melhor, a elegância do latim ciceroniano. O segundo pelas declarações sobre as sentenças excelentes para o proveito de todos. Ambos se unem num resultado em comum: a divulgação das “sentenças” dos autores da Antigüidade em língua vernácula. Para tanto, a língua romance serve como suporte adequado, tal como demonstra a seguinte passagem do *Diálogo em louvor da nossa linguagem*:

Certo, a quem nam falecer matéria e engenho para demonstrar sua tençam, em nossa linguagem nam lhe falecerám vocábulos, porque de crer é que, se Aristóteles fora nosso natural, nam fora buscar linguagem emprestada pera escrever a filosofia e nem todalas outras matérias de que tratou. E, se lhe falecera algum termo soçinto, fizera o que vemos em muitas partes aos presentes, os quáes, quando careçem de termos teologáes, os teólogos, pera intendimento real da cousa, os compuserám.¹²

Outra obra de João de Barros de interesse no estudo das relações entre o vernáculo e a língua latina é a *Gramática da Língua Portuguesa*. Ela está ordenada segundo as categorias gramaticais tradicionais encontradas nos manuais gregos e latinos. Esta gramática quinhentista da língua vulgar realiza suas considerações lingüísticas segundo as categorias da gramática latina, confirmando a proximidade e a identidade entre as línguas antigas e as vernáculas. Para Leite de Vasconcelos, a preocupação destes primeiros gramáticos em evidenciar a semelhança entre o romance e o latim tem como fim demonstrar a superioridade da língua de cada reino sobre as suas coetâneas,¹³ fazendo deste aspecto uma tópica do tempo encontrada em diversos textos e, em particular, na dedicatória de Duarte de Resende mencionada acima.

Por meio do estudo minucioso do *Sonho de Cipião* traduzido por Resende, temos evidências de que se trata de uma obra resultante do confronto entre o vernáculo e o latim, mais ainda, que o latim é o modelo imediato para a prosa tratadística em língua vernácula. Neste sentido, no que diz respeito à estrutura mais geral, o texto português busca imitar a ordenação das idéias e as estruturas frasais do texto latino. Já em aspectos mais particulares como os termos comparativos sintéticos, alguns tempos verbais e o léxico, a tradução encontrou obstáculos mais exigentes que necessitou resolver.

Nas considerações da sua *Gramática*, João de Barros destaca as seguintes diferenças do português em relação ao latim: a existência do artigo, o desaparecimento

¹¹ Resende, D., edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu, 1982, pp. 37, 38.

¹² Barros, J. *Diálogo em Louvor da nossa linguagem*, edição de Luciana Stegagno Picchio, 1959, p. 80.

¹³ Apud Maria Leonor Carvalhão Buescu. *Gramáticos portugueses no século XVI, op. cit.*, p. 38.

da declinação, a formação perifrástica dos graus de comparação, a redução das conjugações, diferenças entre a forma e o valor dos tempos verbais em relação ao latim, formação perifrástica da voz passiva, desaparecimento da noção de quantidade (superlativo) e a existência dos comparativos analíticos.¹⁴ O gramático observou em sua obra de 1539 aquilo que Duarte de Resende já havia exercitado em suas traduções quase duas décadas antes. Assim, o estudo da tradução e o confronto com textos como a *Gramática* de João de Barros confirma que alguns aspectos formais mencionados pelo cronista na sua gramática, já tinham sido as soluções de Resende na sua tradução de 1531. Já o léxico, pela abundância de latinismos e a presença de termos de tradição medieval cavaleiresca, deixa evidente que a prosa resendiana está para ambas as tradições, mesmo que nas resoluções formais o modelo da prosa latina seja o paradigma mais imediato.

Assim, por um lado temos a imitação formal do texto de Resende como busca de aproximação entre o latim, tendo o texto ciceroniano como modelo de eloquência para a prosa tratadística. Por outro lado, as atualizações, glosas e notas marginais, que explicitam os sentidos históricos e culturais do texto latino, apontam para a característica da tradução como atualização e divulgação das “sentenças proveitosas” da Antiguidade. Estes procedimentos tornam o texto vernáculo legível e modelar aos leitores quinhentistas, seja como modelo de eloquência do gênero tratadístico, tão cultivado nestes tempos humanistas, seja como fonte doutrinária de saberes de autoridades antigas de saber excelente e virtuoso.

Referências Bibliográficas:

- BARROS, J. de. (1959) *Diálogo em Louvor da nossa linguagem*. Leitura crítica da edição de 1540 por Luciana Stegagno Picchio. Modena, Società Tipografica Modenese.
- _____. (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Publicações da faculdade de letras da universidade de Lisboa.
- _____. (1983) *Ropica pñefma*. Reprodução fac-similada da edição de 1532; leitura modernizada, notas e estudo de I.S. Révah. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica. (2 vols.)
- CICEROM, Marco Túlio. (1531) *de amicitia paradoxas z sonho de scipião.tirado em lingoage portuguesa p.Duarte de Resende*. Bayerisch Staatsbibliothek, Munique, lat. B. 220.
- OSÓRIO, J. A. (1984) “L’Humanisme portugais et l’Espagne: Luis Vives e les portugais: à propos d’un livre dédié à João de Barros.” *L’Humanisme portugais et l’Europe. Actes du XXLe Colloque international d’etudes humanistes*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.
- _____. (1986) “Cícero traduzido para o português no século XVI: Damião de Góis e o Livro da Velhice”. Coimbra, Separata de *Humanitas*, vols. XXXVII-XXXVIII.
- PIEL, J. (1948) Introdução ao *Livro dos Ofícios* de D. Pedro de Coimbra. Coimbra, Por ordem da universidade.
- MONTANARI, R. C. (2002) *Tradizione medievale ed edizione critica del “Somnium Scipionis”*. Firenze, SISMEL.
- RESENDE, G. (1962). *Cancioneiro Geral*. Edição, introdução e notas de Coimbra, Imprensa da Universidade.

¹⁴ Buescu, M. L. C. Introdução à *Gramática da língua portuguesa de João de Barros*, 1971, pp. XLV -XLVI.
278